

A DINAMICIDADE DE PAPÉIS E POSIÇÕES EM UMA ENTREVISTA-DEBATE

Roberta Fernandes Pacheco¹

RESUMO: Baseado nos estudos teóricos sobre papel (SARANGI, 2010, 2011a, 2011b; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008) e posicionamento (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999; WEIZMAN, 2008), este artigo objetiva analisar como as atribuições e reivindicações de papéis e posições são negociadas interacionalmente pelos participantes de uma entrevista-debate. A partir de uma abordagem qualitativa e interpretativa, baseada em um estudo de caso, utilizo as contribuições da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) como ferramenta de análise. O *corpus* é composto por três edições do programa *Roda Viva*, que se caracteriza como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições. Os resultados de análise evidenciam que os participantes negociam papéis e posições, atribuídos e/ou reivindicados, na busca pela defesa de seus pontos de vista na interação.

PALAVRAS-CHAVE: Papel; Posicionamento; Atividade; Interação.

ABSTRACT: Based on theoretical studies about role (SARANGI, 2010, 2011a, 2011b; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008) and positioning (LANGENHOVE and HARRÉ, 1999; WEIZMAN, 2008), this paper aims to analyse how roles and positions assignment and claims are interactionally negotiated by participants of a debate interview. From a qualitative and interpretive approach, based on a case study, I use the contributions of Conversation Analysis (SACKS, SCHEGLOFF and JEFFERSON, 1974) as an analysis tool. The corpus consists of three editions of *Roda Viva* TV show that is characterized as an interviews show, in which various themes are raised and discussed by the participants that form the table in each of its editions. The analysis results show that the participants negotiate roles and positions, attributed and / or claimed, in the search for the defense of their points of view in the interaction.

KEYWORDS: Role. Positioning. Activity. Interaction.

Introdução

Este artigo busca analisar como as atribuições e reivindicações de papéis e posições são negociadas interacionalmente pelos participantes de uma entrevista-debate. Utilizo como *corpus* três edições do programa *Roda Viva*, que se apresenta como um programa de entrevistas, em que diversos temas são abordados e discutidos pelos participantes que compõem a mesa em cada uma de suas edições.

Abordo a noção de Papel a partir de uma perspectiva interacional (SARANGI, 2010, 2011; WEIZMAN, 1996, 2006, 2008), em que o conceito é visto como uma categorização social, tornado relevante na interação pelos interagentes que reivindicam e atribuem papéis no curso de suas interações sociais. A negociação de papéis perpassa a percepção que o indivíduo tem da situação em que se encontra, no contato com o outro, o que faz com que certos papéis

¹ Doutora em Linguística e Professora Adjunta do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora. robertafepacheco@gmail.com

se tornem relevantes em detrimento de outros, em uma performance de papel que é complexa e “altamente dependente da forma como ela é construída no discurso” (WEIZMAN, 2006, p.174).

Operando em conjunto com a noção de papel, utilizo a Teoria do Posicionamento (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) na leitura feita por Weizman (2008), em que o conceito de posicionamento envolve a atribuição, elaboração e negociação das relações recíprocas entre todas as partes envolvidas na interação. “O posicionamento é altamente sinalizado pela percepção dos interagentes de seus respectivos papéis e as expectativas que acarretam” (WEIZMAN, 2008, p. 16). A autora postula, ainda, que posicionamento pressupõe papel, pois os interagentes constantemente posicionam a si e aos outros no discurso, negociando posições e papéis dinamicamente.

Utilizo o termo entrevista-debate (EMMERTSEN, 2007) para definir a atividade onde a negociação de papéis e posições se realiza, considerando-a interacionalmente híbrida (SARANGI, 2000), uma vez que possui características de dois tipos de atividades que se sobrepõem no discurso: (i) a entrevista, no formato caracterizador de pergunta e resposta e (ii) o debate, no formato de defesa e disputa de pontos de vista. No entanto, este artigo não explorará essa definição, já que o foco se restringe às negociações de papéis e posições na interação.

Papel e Posicionamento: interface

Weizman (2006) defende a noção de papel como um construto dependente das relações interpessoais e dos grupos formados por essas relações, isto é, em cada categoria de grupo – seja relacionada a crenças, valores, etnias ou ocupações - há papéis definidos socialmente e cabe ao indivíduo a percepção do papel que deve ser desempenhado em uma dada situação. A autora argumenta que:

a percepção de papel é parte de nossa vida diária: nós concebemos as pessoas em termos de seus direitos e obrigações sociais e formamos nossas expectativas de acordo com esse fato; [...] nós frequentemente construímos situacionalmente papéis relevantes quando falamos. (WEIZMAN, 2006, p. 174)

Sendo assim, é a partir de nossa percepção da situação em que nos encontramos que tornamos relevantes alguns papéis em detrimento de outros. Essa construção de papéis

relevantes é realizada interacionalmente, e o que torna um determinado papel mais relevante que o outro é exatamente a situação na qual a interação ocorre (WEIZMAN, 1996, 2006, 2008).

Nas entrevistas de notícias analisadas pela autora, em contexto israelense, as relações de papel são estabelecidas em pelo menos dois níveis: no nível social e no interacional. A autora categoriza esses dois tipos de papéis – social e interacional – enfatizando que eles não são “entidades independentes; se inter-relacionam um com o outro” (2006, p.174) em uma performance de papel altamente dependente da forma em que ela é construída no discurso.

Por papel social, Weizman (2006) se refere ao status social que o participante possui em seu meio social, seja através dos laços pessoais ou profissionais. Já o papel interacional diz respeito aos papéis desempenhados na atividade em curso, que no caso da entrevista de notícia pode ser o papel de “realizar uma pergunta, fazer declarações, interromper, etc” (p.155). A autora argumenta que os papéis interacionais são distribuídos assimetricamente na interação, pois são frutos das relações de poder que são também “distribuídas desigualmente [como nas relações entre] patrão-empregado, médico-paciente, entrevistador-entrevistado” (WEIZMAN, 2008, p.26) nos discursos institucionais.

No papel interacional, há uma “divisão de papéis pré-determinada pelas expectativas discursivas que pertencem ao evento comunicativo” (WEIZMAN, 2008, p.174). A autora cita alguns exemplos para ilustrar que ambas as partes – entrevistador e entrevistado – fazem valer seus direitos e deveres nos papéis desempenhados, através das expectativas interacionais que os circundam. Abaixo, apresento três exemplos dados pela autora, com suas análises respectivas na sequência do texto:

- (12) *Uma entrevista é para perguntar também, não é só uma fala.*
(Amnon Levy e Riki Cur, dançarina do ventre, erev xadash, 30.6.97.
- (13) *Um bom político diz: isto é uma resposta, pergunte de acordo com ela.*
(Shim'on Peres, TV Channel 2, [no date]).
- (14) *hoje vamos falar com calma, tentando nos aproximar das pessoas, sem interromper um ao outro.* (Michael Miro, sixot im ma'azinim (“Talking with Listeners”), IBA, Channel 2, 30/07/1998). (WEIZMAN, 2006, p.166, grifos do autor)

No exemplo (12), o entrevistador adverte a entrevistada pelo fato dela se recusar a ceder o piso conversacional, atenuando sua reprimenda através de uma perspectiva impessoal, isto é, em vez de criticá-la diretamente, ele usa de uma fala de senso comum para marcar seu

direito como entrevistador de realizar perguntas e direcionar a entrevistada, que neste papel tem o dever de esperar as perguntas para então respondê-las.

Em (13), o entrevistado propõe sua interpretação da acusação implícita de que políticos geralmente evitam as perguntas dos entrevistadores. Para o entrevistado, é a partir da fala do político que a pergunta deveria ser feita, e não ao contrário, cobrindo assim, pelo uso do humor, sua crítica implícita a seus companheiros políticos. Já no exemplo (14), o requisito interacional da fala não agressiva é explicado pelo entrevistador de um programa de rádio ao ouvinte, usando, inclusive, o atenuador “nós” - **vamos** - e o recíproco “um ao outro”, igualando falante e ouvinte, com o objetivo de estabelecer solidariedade.

O papel social dos participantes da entrevista, no que tange aos seus direitos e obrigações, também envolve as expectativas interacionais do encontro. O papel social do entrevistado, tornado relevante na atividade, gira em torno de sua ocupação profissional/institucional, motivo pelo qual, inclusive, tal entrevistado foi convidado à entrevista. Os papéis sociais do entrevistador também podem se tornar relevantes na entrevista no contato com o entrevistado (WEIZMAN, 2006, p.161). Para a autora, nem todo papel é relevante o tempo todo. Por isso, é fundamental verificar como os papéis surgem ou se tornam relevantes.

Essa categorização de papel interacional e papel social abordada por Weizman também ocupa espaço em outros estudos interacionais com o foco no discurso profissional, como nas análises de consultas terapêuticas de Sarangi e Slembrouck (1996).

Os autores defendem que o papel social é interconectado com o papel discursivo (interacional), sendo este delimitado pelo papel social tornado relevante no encontro. O papel de assistente social - papel social -, por exemplo, restringe os papéis discursivos desempenhados: “as ações verbais do assistente social são então restringidas ao papel discursivo de reportar o diagnóstico médico” (SARANGI; SLEMBROUCK, 1996, p.68). Além de reportar a situação do paciente, o assistente social ainda pode realizar as tarefas discursivas de aconselhamento às famílias, de assessoria à autoridade policial, de estabelecimento de vínculo entre as várias agências envolvidas no processo, de acompanhamento à vítima, etc. Todos esses papéis discursivos realizados nessas ações são assim executados devido ao papel social de assistente social tornado relevante em uma atividade - consulta terapêutica - que assim o exige. Portanto, essa conexão entre papel discursivo e papel social é dependente do tipo de atividade em questão, o que leva Sarangi (2010) a identificar outra categorização de papel: o papel de atividade.

Sarangi define o papel de atividade como aquele que é dependente da atividade, caracterizando-a. O médico, por exemplo, em uma consulta pode desempenhar um papel de terapeuta, aconselhando e ouvindo o paciente, e também um papel pedagógico como ensinar certos procedimentos de higiene, por exemplo. O papel de terapeuta e pedagogo seriam os papéis de atividade desempenhados pelo papel social de médico naquela atividade. Os papéis discursivos seriam, então, os recursos discursivos que esse médico utiliza para desempenhar esta fala de aconselhamento e de ensinamento de procedimentos.

Essas três categorizações de papel – social, de atividade e discursivo – ganham ênfase nos estudos posteriores de Sarangi (2011a, 2011b), junto com a abordagem dos conceitos de conjunto de papéis e múltiplos papéis. O autor interpreta a definição de conjunto de papéis como o conjunto de diferentes papéis que um único status social desempenha, enquanto os múltiplos papéis se referem aos vários status sociais em que as pessoas se encontram. Exemplificando, tomo o exemplo do papel social de professor. O professor exerce um conjunto de papéis característico; pode desempenhar o papel de orientador, avaliador, diretor de unidade, chefe de departamento, etc. Por outro lado, esse professor possui múltiplos papéis sociais – isto é, seus vários status sociais - podendo também ser marido, pai, religioso, etc.

Esses diferentes papéis de um indivíduo podem gerar conflito nas interações sociais, uma vez que diferentes papéis são manifestados no curso da interação. Sarangi conceitua esses diversos papéis manifestados como hibridismo de papel (2011a, 2011b), pontuando que a tensão e a complementariedade são conceitos que facilitaríamos diferenciar o conjunto de papéis dos múltiplos papéis. Enquanto a complementariedade, para o autor, é perceptível nos dois conceitos, a tensão seria mais perceptível no conjunto de papéis, uma vez que um profissional poderia exercer diversos e conflitantes papéis em um encontro.

Assim como os papéis são evidenciados na interação, os posicionamentos também são usados pelos indivíduos para lidar com a situação em que se encontram, no contato com o outro, localizando a si e aos outros em posições, em um sentido metafórico do termo.

Na Teoria do Posicionamento - que consiste em um processo discursivo pelo qual as pessoas são localizadas/ posicionadas na interação (LANGENHOVE e HARRÉ, 1999) - uma pessoa é sempre posicionada em relação aos outros. Dessa forma, ao se posicionar, uma pessoa X interacionalmente posiciona uma pessoa Y e por posicionar Y, X reflexivamente posiciona a si mesmo: “se A se posiciona como poderoso em relação à B, então B é posicionado como menos poderoso em relação à A” (HARRÉ e LANGENHOVE, 1999, p.1-

2). O participante posicionado poderá aceitar ou negar a posição que lhe foi atribuída. Se a posição não for aceita, ela poderá ser reformulada e reintroduzida no discurso. As posições são efêmeras e podem ser disputadas e também se tornar tema da disputa.

Weizman (2008) defende que o posicionamento pressupõe o papel, uma vez que os interagentes constantemente posicionam e reposicionam a si e aos outros no discurso, dinamicamente, em seus papéis interacionais e sociais, através da confrontação e do desafio:

do ponto de vista conceitual, eu postulo a conexão entre posicionamento, papel e desafio. Seguindo os teóricos do posicionamento, eu vejo o *posicionamento* como englobando uma dimensão dinâmica. Eu ainda acredito que o posicionamento pressupõe o papel: um falante é sempre *posicionado em um papel*. Nesta visão, o posicionamento é indexado pela percepção do interlocutor de seus papéis respectivos e as expectativas que implicam esses papéis. (WEIZMAN, 2008, p. 177, grifos do autor)

Sendo assim, a autora considera que o conceito de posicionamento opera em conjunto com a noção de papel, descartando a possibilidade de uma noção ser excludente da outra. E é essa a linha teórica-metodológica que adoto na análise deste trabalho.

O corpus

O *corpus* é composto por três edições do programa de entrevistas *Roda Viva*²:

- (1) Entrevista com o então Ministro da Educação Paulo Renato Souza, em janeiro de 2000;
- (2) Entrevista com o então Ministro da Saúde José Gomes Temporão, em julho de 2007 e
- (3) Entrevista com o então ex-Ministro da Casa Civil José Dirceu, em novembro de 2010.

O cenário do programa se apresenta em formato de “roda”, na qual o entrevistado se posiciona no centro, cercado pelos entrevistadores, selecionados entre jornalistas dos principais veículos da imprensa brasileira, bem como especialistas na área de atuação

² O programa *Roda Viva* é transmitido pela TV Cultura de São Paulo e também pela internet em formato on-line. Tem duração aproximada de uma hora e meia e é dividido em três ou quatro blocos. A escolha dessas três edições se deve ao fato de serem provenientes de épocas distintas do cenário político-social brasileiro: o período de governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, os dois mandatos do presidente Lula e a eleição da presidente Dilma Houssef. Acredita-se que esse amplo período de tempo, assim como as mudanças políticas provenientes desse período, possibilita a colheita de temas e discussões diversificadas e relevantes para a análise da dinamicidade dos papéis negociados na interação.

profissional do entrevistado. Todos os entrevistadores possuem carreiras profissionais vinculadas ao tema que será debatido. Por exemplo, se o assunto é o judiciário, os jornalistas e/ou especialistas convidados trabalham em algum meio de informação da área jurídica ou são formados na área.

O papel social do entrevistado

Os três entrevistados, alvo desta análise, têm em comum a política como norteadora de seus papéis sociais projetados na interação. Observe o excerto a seguir, retirado da entrevista com o então ex-Ministro José Dirceu:

Excerto (1)³

01 Marília boa noite! no centro do roda viva de hoje claro a eleição
02 Gabriela de dilma rousseff a presidência da república. .hh
(apresentação de Dilma Rousseff)
05 trouxe esta noite ao programa
06 → um de seus grandes eleitores (0.2)
07 → o ex ministro da casa civil de lula jose dirceu .hh
08 → ele participou da campanha de dilma agindo nos bastidores sem
09 aparecer muito, mas fazendo mui::to barulho quando aparecia
(jose dirceu levanta as sombrancelhas)
10 → dirceu continua sendo uma grande influência no pt e está
11 aqui para analisar a vitória pra falar do futuro e pra dizer
12 qual será seu ↑ papel no governo dilma (0.2)
(apresentação dos entrevistadores)
39 Marília OH nao adiantou na::da, estamos aí mais quatro anos (0.2)
40 dois meses atrás você disse essa frase num discurso,
41 na bahia (0.2) e hoje você pode repeti-la quantas vezes
42 quiser, porque ela virou verdade, ne? o pt ta aí pra (0.2) mais
43 quatro anos. e ontem, ao sair da cabine eleitoral, você
44 declarou <não devo (0.2) não posso (0.2) e não quero ter cargo>
45 no governo dilma (0.5) a minha pergunta é a seguinte,
46 você ta gostando da sombra ze dirceu?,
47 eu quero dizer, você prefere ser influyente mas sem cargo?,
48 e como é que você vai nos convencer de que você
49 não vai participar mes::mo do governo dilma?
50 Dirceu .hh não, eu não atuo nem nos bastidores, nem nas sombras,
51 eu atuo abertamente e publicamente no país, aliás, sempre o
52 → fiz, eu fui eleito a primeira vez presidente do centro acadêmico
53 nas ruas, com repressão bomba de gás lacrimogêneo cacetete,
54 cavalaria, patas de cavalaria, e depois de novo >presidente< da
55 → ue, (0.2) da >mesma maneira< e fui eleito deputado estadual,
56 → >três vezes federal fui candidato a governador<,
57 → fui ministro de estados, sempre publicamente. cassado pela
58 câmara, <sem provas>. (0.2)
59 → eu voltei a vida política como militante do pt, como cidadão
60 [eu tenho um blog-]
61 Marília [mas na campanha] da dilma, você [tava::]
62 Dirceu [eu atuei] como membro da
63 → direção nacional eu sou membro da direção nacional do pt
64 e atuei como tal. eu não era membro da coordenação mas
65 como membro da direção eu percorri o país (0.2) .hh

³ As convenções de transcrição utilizadas neste trabalho encontram-se no fim do artigo.

66 defendi o nome dela desde fevereiro de dois mil e oito (0.2)
67 e nove perdão. percorri o país, trabalhei pras alianças,
68 principalmente com o pmdb, com o >psb, pc do b e pdt<,
69 pelos palanques estaduais, que lhe deram a vitória, °muitos
70 deles° foram fundamentais. e trabalhei também pra construir os
71 → discursos, as propostas, porque sou. militante do pt,
72 → sou dirigente do pt, e no pt fiz esse trabalho. não tenho
73 participação (0.2) direta na coordenação e não terei no
74 governo. (0.2) como eu disse e quero repetir (0.2)
75 >não devo não quero e não posso< eu tenho primeiro que (0.2)
76 → >prestar contas a justiça< já que eu estou sendo acusado no
77 supremo tribunal federal, de chefe de quadrilha
78 → e de corrupção, não é pouca coisa. (0.2)
79 → como eu sou inocente (0.5)
(Dirceu aponta para si, corroborando a fala de inocente))
80 e nesses anos todos (0.2) todas as investigações inquéritos
81 processos cpis que eu respondi eu fui absolvido inclusive na
82 justiça, federal já fui absolvido duas vezes (0.2)

No recorte acima, diversos papéis sociais de José Dirceu são tornados relevantes, alguns atribuídos pela apresentadora – como ex-Ministro (1.7) e eleitor de Dilma (1.6) - outros reivindicados pelo próprio Dirceu, como o de deputado estadual (1.55), deputado federal (1.56), candidato à governador (1.56) e membro da direção nacional do PT (1.63 e 72). Todos esses papéis pertencem a um conjunto de papéis associado ao papel de político do entrevistado, quer dizer, é do papel de político que emergem os outros papéis na entrevista.

É interessante notar que esses papéis manifestados na interação são derivados da dicotomia presente nas posições de “cassado” e “em atividade” do papel de político em que o entrevistado se apresenta ou é apresentado. Dirceu, no momento da entrevista, é cassado politicamente por participação no esquema de corrupção conhecido como o “mensalão”, quando ocupava o cargo de Ministro da Casa Civil no governo Lula. Como um político cassado, Dirceu recupera seus papéis desempenhados na vida pública para justificar sua contribuição política ao país, como alguém que possui uma história política e assim se posicionar como inocente (1.79) das acusações.

Em diversos momentos, Dirceu se apresenta em papéis relacionados ao posicionamento “em atividade” deste papel de político, como “deputado” e “ministro”. Quando Dirceu afirma “eu estou sendo acusado no supremo tribunal federal de chefe de quadrilha e de corrupção” (1.76 -78), ele faz referência ao seu papel de Ministro e à acusação que lhe foi imputada atuando neste papel. Já em outros momentos, o entrevistado se posiciona a partir do papel de político cassado, como “ex-ministro” e “militante do PT”: “fui cassado pela câmara, sem provas, eu voltei à vida política como militante do PT, como cidadão” (1. 57 – 59).

É a partir deste contraste entre os posicionamentos “cassado” e “em atividade” do conjunto de papéis de político do entrevistado que as perguntas são realizadas e posicionamentos são atribuídos e/ou reivindicados. Alguns deles são refutados por Dirceu, enquanto outros são legitimados e reivindicados.

O posicionamento de um político que não atua oficialmente - “ele participou da campanha de Dilma agindo nos bastidores sem aparecer muito, mas fazendo muito barulho quando aparecia” (l. 8-9) é refutado pelo entrevistado, afirmando que não atua “nem nos bastidores, nem nas sombras, [atua] abertamente e publicamente no país, aliás sempre o [fez]” (l.50-52). Ele refuta esse posicionamento porque o considera de valor negativo, pois atuar nos bastidores e nas sombras passa uma ideia de ilegalidade, o que não corrobora com a posição que reivindica Dirceu, de um político cassado injustamente, de um inocente. Ratificar uma atuação que remete à ilegalidade é confirmar à audiência a imagem de culpado que socialmente Dirceu carrega no ato da entrevista. Ele justifica a negação desses posicionamentos no segundo turno ao afirmar que atuou como membro da direção nacional do PT, percorrendo o país e trabalhando para alianças políticas (l. 62-67). Esses papéis reivindicados reforçam a defesa de uma atuação política às claras, pois se “percorreu o país defendendo o nome de Dilma” (l.65-67) ele não atuou às escondidas, e, portanto, esta posição não lhe pode ser atribuída.

A resposta de Dirceu é proferida a partir de um conjunto de papéis reivindicados por ele, que entra em conflito em diversos momentos na entrevista, uma vez que certas ações podem ser realizadas em um determinado papel deste conjunto, enquanto outras não são possíveis. Atuar, por exemplo, na direção do PT na campanha à presidência é um papel que pode ser realizado dentro de sua posição de cassado, pois Dirceu permanece filiado ao PT. Contudo, atuar no governo ocupando um cargo, como pressupõe a pergunta da entrevistadora, não é permitido nesta posição de cassado, a menos que tal atuação ocorra às escondidas, como também é pressuposto no turno de Marília Gabriela, que obtém resposta direta de José Dirceu negando tais pressuposições.

No excerto (2) abaixo, novos papéis sociais do entrevistado são tornados relevantes na interação, porém nem todos são reivindicados por Dirceu:

Excerto (2)

258 →	Marília	O:: ZÉ! você é lobista hoje! é isso?
259	Dirceu	não. não sou.
260	Marília	você, você faz business.
261 →	Dirceu	°não°. não faço. faço consultoria. sou advogado.

262 porque que os outros consultores não são lobistas e eu sou?
263 Marília [[não! tá bom
264 Dirceu [[diz pra mim [°isso°]
265 Marília [não] porque é-
266 Dirceu não. é uma [coisa]
267 Marília [não é]uma profissão? existe uma profissão=
268 → Dirceu =não! no brasil- lobista tem um caráter,
269 → de tráfico de influências.
270 Marília bom-
271 → Dirceu tem um caráter pejorativo e quase criminoso.
272 → eu sou advogado e consultor!
273 Paulo tá. >eu justamente queria perguntar isso< (0,2)
274 >dirceu<, eu conheço gente que se emocionava ao sair de casa,
275 em sessenta e oito pra ver você fazer discurso no cento de são
276 paulo. muita gente que ficou feliz quando você voltou muita
277 gente que teve identificação com você da sua luta política
278 >dessas suas idéias e tudo< hoje essas pessoas, perguntam
279 → assim, como é que o zé dirceu ganha a vida?

280 Dirceu trabalhando igual[você ganha]
281 Paulo [aí fica uma] coisa com[plica::da]
282 Dirceu [não! igual] você ganha
283 Paulo [[não. eu ganho
284 Dirceu [[igualzinho
285 Paulo todo mundo sabe onde eu trabalho=
286 Dirceu =e todo mundo sabe onde eu tra [balho]
287 Paulo [não não]
288 → quais são os seus- as pessoas não sabem quais os seus clientes.
289 Dirceu [[não, o:: paulo moreira leite!
290 Paulo [[as pessoas não sabem
291 Dirceu o:: paulo moreira leite!
292 Paulo exatamente.
293 Dirceu você pergunta pros outros consultores quais são os clientes
294 deles?
295 → Paulo não. Aí é que tá! você não é um consultor. você tem uma
296 biografia e- de repente, a sua biografia, ela tá in- tá
297 → diferente. ela tá es [tranha]
298 Dirceu [não tá] nada de diferente!
299 eu sou advogado e consultor.
300 → Marília mas você é um consultor privilegiado! você tem=
301 Dirceu =quer dizer que eu não posso trabalhar pra levar
302 [investimentos brasileiros]
303 Paulo [claro que po::de trabalhar]
304 Dirceu pro exterior pro peru pra [colômbia]
305 Paulo [claro que] pode
306 Dirceu pra europa eu não posso trazer investimentos pro brasil?
307 Paulo o que as pessoas querem saber como um homem público=
308 Dirceu =como um homem público me CASSARAM me tiraram do governo
309 queriam [me banir de dentro do país]
310 Marília [mas você ainda influi]
311 → mas você ainda é um homem influente nesse partido e neste poder
312 Dirceu eu sou influente? não tenho nenhuma
313 [incompatibilidade com]
314 → Marília [então como você pode] fazer
315 → [lobi tendo essa influência?]
316 Dirceu [eu não faço lobi! você que tá] dizendo que eu faço
317 [eu não faço lobi]
318 Marília [OH MEU DEUS], faz o QUE então?
319 Dirceu faço consultoria!

No excerto (2) acima, há uma disputa entre dois papéis sociais: o papel atribuído de lobista (l.258) e o papel reivindicado de consultor (l.272). Uma vez que o papel de lobista

“tem um caráter de tráfico de influências (1.268-269), pejorativo e quase criminoso” (1.271), Dirceu nega este posicionamento, reivindicando para si os papéis de consultor e advogado (1.261), que seriam papéis mais “aceitáveis” nesta construção de discurso de um político cassado injustamente, que tenta provar sua inocência e retornar aos cargos outrora ocupados.

Nota-se que após essa disputa inicial entre Marília Gabriela e José Dirceu, o jornalista Paulo Moreira Leite reintroduz a questão da ocupação de Dirceu, após a perda de seus mandatos políticos, por outra perspectiva: utiliza uma suposta preocupação das pessoas que se identificam com a história política do entrevistado e se perguntam “como o zé dirceu ganha a vida?” (1.279).

Nessa pergunta, assim como na sequência dos turnos, está implícita a posição ilegal atribuída ao papel que ocupa Dirceu. Ao afirmar que “as pessoas não sabem quais [são] os seus clientes” (1.288) e “você não é um consultor, você tem uma biografia e de repente ela está diferente, estranha” (1.295-297), o jornalista reforça uma suspeição sobre as ações do entrevistado nesse papel, seja o de lobista, seja o de consultor. É atribuída a Dirceu a posição “privilegiado” nesse papel que ele reivindica: “mas você é um consultor privilegiado” (1.300); “você ainda é um homem influente neste partido e neste poder” (1.311). Dessa posição, como é possível “fazer lobi tendo essa influência?” (1.314-315), quer dizer, um político influente como José Dirceu que possui informações privilegiadas do governo não pode fazer consultoria e muito menos “lobi”.

Os múltiplos papéis de Dirceu – lobista, consultor, político -, manifestados na entrevista, entram em conflito com o conjunto de papéis que Dirceu ocupa como político. Em outros excertos do *corpus*, também observamos a tensão entre os múltiplos papéis reivindicados e ou/atribuídos na interação. Observe abaixo um trecho da entrevista com o então Ministro da Educação, Paulo Renato Souza, em janeiro de 2000:

Excerto (3)

178	Brasilis	ministro, o senhor se entusiasmou muito com a sua-	com o projeto
179	Salles	de obter continuidade redução de custos, eficiência na	
180		universidade etc. e:: vamos dizer, ajustar	
		((gesto com as mãos indicando aspas))	
181		a universidade, essa eu acho que é a linguagem que tem sido o	
182		tom do ministério [desde o início]	
183	Ministro	[não é ajustar,] não é?	
184	Brasilis	é:: mas parece ajustar.	
185	Ministro	não é não.	
186	Brasilis	ministro parece o ministro da [fazenda da educação, mas]	
187→	Ministro	[não senhor. hhh não não]	
188→		não senhor, não não [não hhh]	
189	Brasilis	[hhh deixa] eu terminar a pergunta hhh	

190 → Ministro não. não. tudo bem, termina aí hhh
191 Brasília o que me parece é que esse tipo de linguagem é que, e:: vamos
192 dizer, tem caracterizado muito o ministério, [...] e me parece sempre que a:: tá se tentando punir o ineficiente,
200 e me parece sempre que a:: tá se tentando punir o ineficiente,
201 tentando evitar que, a:: vamos dizer, a universidade e:: que as
202 universidades não trabalhem. eu não sou contra aqui que que não-
203 que se cuide disso. obviamente a universidade tem que ser
204 eficiente, etc. mas falta um projeto uma espécie de utopia
205 educacional que permita que o ministro da educação seja o líder
206 da mudança ao invés de ser aquele que impõe a mudança.
207 Ministro a:: [e::]
208 Monica [eu só] queria fazer a colocação de um telespectador aqui
209 Teixeira que fica perfeitamente cabível. é carlos verge, que pergunta “se
210 → o ministro fosse presidente da república- se o senhor fosse
211 presidente da república convidaria um economista para o
212 → ministério da educação?”
(risos de todos)
213 → Ministro hhh se fosse um economista como eu convidaria, porque- bem, eu,
214 → eu tô nessa questão da educação há muito tempo. eu fui
215 secretário da educação em são paulo, eu fui reitor da melhor
216 → universidade brasileira do brasil[tá certo?]
217 Monica [as outras] vão ficar nervosas
218 → Ministro e agora sou ministro da educação=
219 Monica =foi só uma brincadeira por causa do ajuste.
220 Ministro tá bom. vamo lá (0,2) sabe quanto aumentou o orçamento da
221 universidade pública brasileira nos últimos qua- cinco anos?
222 vinte e oito por cento, não é? isso não é ajuste. nós estamos
223 agora a:: o que, o que aconteceu? as verbas hoje são dirigidas
224 com mais critério

No excerto (3), os entrevistadores posicionam o entrevistado em seu papel de Ministro da Educação, porém preocupado com questões financeiras referentes à universidade e não necessariamente preocupado com a qualidade do ensino, que teoricamente deveria ser a meta principal de um Ministro da Educação. Esse posicionamento é marcado pela atribuição do papel de economista representado pela pergunta “se o senhor fosse presidente da república convidaria um economista para o ministério da educação?” (l.210-212). Paulo Renato reconhece esse posicionamento e tenta se evadir dele, através de risos (l.187-188; 190; 213) e da apresentação de outros papéis (l. 214-216), como Secretário da Educação e Reitor, na tentativa de justificar o porquê dele poder ocupar o cargo de Ministro da Educação (l.218), embora seja um economista.

O papel de economista do entrevistado é trazido à interação como uma forma de oposição ao ponto de vista que é defendido pelo papel de Ministro da Educação que também ocupa Paulo Renato, dentre seus múltiplos papéis. Há uma crítica embutida na atuação concomitante desses papéis, já que de acordo com o discurso do entrevistado, o seu papel de economista, preocupado com dados financeiros, parece se sobrepor ao papel que de fato ele ocupa no governo que é o de Ministro da Educação.

Além dessa função que os múltiplos papéis do entrevistado desempenham na interação, a de confrontar pontos de vista distintos, como vimos nos excertos acima, também é possível encontrar a manifestação desses papéis como estratégia de evasão a perguntas desafiadoras realizadas pelos entrevistadores. Há o que podemos chamar de uma troca de papel entre o papel posicionado pelo entrevistador e o papel reivindicado pelo entrevistado ao responder, quando este avalia a pergunta como desafiadora ao papel que ele ocupa. No excerto abaixo, essa questão fica muito clara, quando o então Ministro da Saúde José Gomes Temporão, em julho de 2007, é questionado sobre seu ponto de vista em relação ao aborto:

Excerto (4)

166 → Reinaldo ministro. eu sou contra a ampliação do direito ao aborto,
178 → se eu der de cara com um ninho de tartarugas e resolver fazer
179 um omelete, eu não faria isso por nojo e porque eu acho que
180 não é pra comer tartaruga.
181 → mas eu seria preso, crime inafiançável, crime ambiental.
184 → o senhor não acha que os fetos brasileiros têm direito a pelo
185 menos a mesma lei que tem as tartarugas?
186 → Ministro eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o
187 direito à vida=
188 → Reinaldo =e os fetos não?
189 → Ministro eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos.
190 sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar
191 defendendo (0,2) eu não posso fechar os olhos para a realidade
192 que eu expus aqui.
193 Paulo ministro, eu vou fazer a pergunta de vários telespectadores
(apresenta os telespectadores)
198 → [eles] questionam o seguinte- em caso de existir plebiscito, o
199 → senhor vai votar a favor ou contra o aborto?
200 → Ministro não sei! depende do debate=
201 Demétrio =mas ministro, o senhor que levantou o debate (0,2)
202 a lei já existe, o código penal de 1940 está aí,
203 diz os casos que podem e os que não podem.
204 Ministro eu propus o debate (0,2) ou melhor, eu não propus o debate não!
205 na realidade, no começo eu respondi essa questão, isso me
206 impressiona muito. não fui eu que lancei essa questão. eu fui
207 usado na realidade, para que essa questão aparecesse. ela está
208 na cara de todo mundo. camelô no centro do rio de janeiro
209 vendendo medicamento. vende porque tem mercado (0,2)
210 as pessoas estão tomando, as mulheres estão usando, as mulheres
211 estão morrendo.
212 Reinaldo ministro, eu que lhe dei os parabéns duas vezes,
213 vou brigar com o senhor agora (0,2)
214 o senhor é ministro da saúde. não pode dizer, como se fosse eu,
215 >que não sou nada< sou apenas um abelhudo, que estão vendendo
216 cytotec imagino, no rio de janeiro.
217 → Ministro isso é uma questão de polícia=
218 Reinaldo =é questão de governo, de política pública.
219 Ministro mas no caso específico é uma infração grave à lei!
220 polícia. as pessoas estão comprando pela internet (0,2)
221 como você controla? é outro problema.

No excerto (4) acima, o entrevistado se apresenta nos papéis de pai e católico (l.189-190) para justificar sua posição de defesa à vida. Contudo, as perguntas são direcionadas ao

papel de Ministro da Saúde, uma vez que os pontos de vista do pai e do católico não são relevantes à questão da legalização do aborto. Como Ministro da Saúde, essas perguntas são de difícil resposta, pois cobram um ponto de vista do entrevistado que é sensível ao papel que ele ocupa como representante do governo. Qualquer resposta, seja afirmativa ou negativa, atinge a grupos distintos da sociedade, sendo favoráveis a uns e desfavoráveis a outros, não só politicamente, mas também a esferas religiosas e médicas, o que torna essas perguntas (l. 184-185; 188; 198-199) extremamente desafiadoras ao papel de Ministro da Saúde.

Ao reconhecer esse aspecto desafiador, o entrevistado opta por evadir-se de uma resposta direta: as respostas “eu acho que as mulheres brasileiras que estão vivas merecem o direito à vida” (l.186-187) e “não sei! depende do debate” (l. 200) são proferidas, ainda que de forma evasiva, a partir de seu papel de Ministro, isto é, o entrevistado responde no papel que lhe é perguntado. Já a resposta “eu defendo a vida. eu tenho quatro filhos. sou de formação católica. sempre defendi e sempre vou continuar defendendo, eu não posso fechar os olhos para a realidade que eu expus aqui” (189-192) é respondida a partir de outros papéis – pai e católico – como forma de fugir dessa posição difícil em que ele é posicionado. O entrevistado ainda atribui responsabilidade a outro papel que ele não exerce, o papel de policial, com a fala “isso é uma questão de polícia” (l.217), nesta tentativa de fuga de uma cobrança de um ponto de vista mais direto. Essa troca de papel como estratégia de evasão a perguntas desafiadoras é mais uma função manifestada dos múltiplos papéis na entrevista.

O papel de atividade e sua relação com o papel discursivo

As entrevistas do *corpus* em análise apresentam uma média de seis entrevistadores por edição, que desempenham vários papéis de atividade no curso da interação. Além do papel de entrevistador, há também o papel de debatedor, de apresentador e mediador; esses dois últimos são desempenhados por uma única pessoa.

O papel de apresentador desempenha papéis discursivos como apresentar o entrevistado e situar o telespectador sobre os temas tratados ao longo do programa, como observado no excerto (1). O papel de entrevistador realiza as perguntas, assim como o de mediador assume o papel discursivo de controlar o tempo ou direcionar o turno dos entrevistadores. Vejamos um exemplo do papel do mediador:

Excerto (5)

Em outro trecho da entrevista, observamos também esse papel de mediador como gerenciador das ações que se seguem:

Excerto (6)

682 José primeiro eu vou me defender no supremo tribunal federal
683 Dirceu (0,2) isso eu to fazendo certo?
687 vou ter que me defender no pais nao que o supremo FAça eu digo
688 que as forças políticas de oposição queiram transformar agora
689 o meu julgamento ou no terceiro turno da eleição ou na- pra me
690 condenar por razões [políticas ne?]
691→ Sergio [eu- eu- eu] queria perguntar isso
692→ [pra voce]
693→ Marília [pera um pou]quinho só.
694 vamos terminar esse bloco e assim que voltar você é o primeiro
695→ a perguntar ta bom [sergio?]
696 Sergio [certo]
697→ Marília então terminando o primeiro bloco do roda viva com
698→ o ex-ministro jose dirceu e voltamos em seguida. até já

Na linha 691, acima, o entrevistador não consegue realizar a pergunta pretendida, pois no papel de mediadora, Marília o interrompe para encerrar o bloco do programa. O entrevistador acata o comando e Marília, já no papel de apresentadora, em um processo dinâmico de trocas de papel na interação, se dirige ao telespectador e o atualiza sobre o término do bloco. Os comandos relativos aos dois papéis de atividade desempenhados por Marília Gabriela não são contestados pelos outros participantes, o que demonstra a situação hierárquica destes papéis frente ao papel de entrevistador no encontro.

Os papéis de mediador e apresentador, portanto, são papéis de atividade que assumem em uma escala de poder de fala e de ações no discurso, um nível alto, se comparado com o papel de atividade do entrevistador e, inclusive, do entrevistado. Como o papel do mediador realiza funções como controlar o tempo, direcionando os temas a serem questionados entre os blocos dentro de uma agenda tópica previamente estabelecida, esse papel determina as etapas que serão seguidas no programa e, por conseguinte, possui tarefas discursivas que se apresentam com prioridades mais visíveis que as outras tarefas imputadas aos outros papéis de atividade.

Outro papel de atividade muito presente no *corpus* é o papel de debatedor. Em diversos momentos das entrevistas, há sequências de disputas de pontos de vista entre entrevistadores e entrevistados, como no excerto (4), quando, por exemplo, o jornalista Reinaldo Azevedo apresenta seu ponto de vista desfavorável ao aborto, afirmando que “há falta de governo” em relação à venda de medicamentos abortivos por ambulantes no Rio de Janeiro. Ele se posiciona como alguém contrário à política em vigor, que é representada pela

presença do Ministro da Saúde, iniciando assim uma sequência de disputa de pontos de vista. Nessas sequências, o papel de atividade do entrevistador é substituído pelo papel de debatedor, que desempenha o papel discursivo de apresentar seu ponto de vista, declaradamente oposto ao ponto de vista do entrevistado.

Outro exemplo dessa presença do papel de atividade nos dados que vem a ratificar essa dinamicidade na transferência entre papel de entrevistador e papel de debatedor é o extraído da entrevista com o Ministro da Educação Paulo Renato Souza, no excerto, em que o Ministro apresenta um dado sobre o suposto mau uso da verba destinada à universidade pública:

Excerto (7)

225 → Ministro eu fui à universidade federal de viçosa em noventa e seis
226 inaugurar uma biblioteca. dentro da biblioteca tinha um
227 elevador panorâmico. eu te pergunto: pra que um elevador
228 panorâmico na- numa universidade pública? dentro da biblioteca,
229 → em viçosa, onde não existe nenhum panorama pra ser visto.
230 → Brasillis [[ninguém aqui é contra
231 → Marcos [[é com o dinheiro público?
232 → Monica [[mas a questão:: é que não é-
233 Ministro não mas acontecia isso brasílio acontecia isso.
234 quantos centros shopping centers foram construídos=
235 → Marcos =mas tem universidade que não tem dinheiro pra pagar luz e água
236 → também=
237 → Fernando =viçosa é a universidade que tem a maior renda- uma das
238 universidades que têm a maior renda de o:: convênios privados
239 → [de toda natureza]
240 Ministro [sim mas esses recur]sos são recursos que estavam sendo- que
241 eram aqueles recursos que eram transferidos pra universidade e
242 eram e:: levados que ficava a:: digamos assim, a decisão de
243 fazer não é, o critério para investimento não era um critério
244 que passava sequer pelo conselho universitário. nós aumentamos
245 a verba de custeio e investimento para a universidade de cerca
246 de trezentos e trinta milhões pra seiscentos milhões por ano.
então=
248 → Marcos =ministro, existe elevador panorâmico numa universidade
249 pública. também tem universidade pública que não tem dinheiro
250 → pra pagar luz e água.

No excerto (7), a informação dada pelo Ministro sobre a existência de um elevador panorâmico em uma universidade pública, como argumento de defesa do mau uso da verba universitária, é ponto de discussão entre os participantes do programa. Note que a partir da fala do Ministro (l.225-229), três participantes iniciam o turno ao mesmo tempo (l. 230-232), em resposta a este argumento apresentado. Desses três participantes, o Marcos Antônio é quem desempenha o papel de entrevistador realizando a pergunta “é com o dinheiro público?” (l.231), que é desafiadora ao entrevistado porque sugere uma incerteza em relação à informação dada. Essa incerteza é ratificada na fala de Fernando Rosseti: “viçosa é uma das

universidades que têm a maior renda de convênios privados de toda natureza” (1.237-239), ou seja, tem certeza que esse elevador foi construído com o dinheiro público? Esse turno de Marcos Antonio e o de Fernando Rosseti são realizados a partir de papéis de atividades distintos. Enquanto Marcos Antonio desempenha o papel de entrevistador, proferindo uma pergunta, Fernando Rosseti desempenha o papel de debatedor, contestando a informação dada pelo Ministro sobre a Universidade Federal de Viçosa.

Na sequência do excerto, o papel de entrevistador que desempenha Marcos Antonio é substituído pelo seu papel de debatedor ao contestar também o argumento do entrevistado. Nos três turnos que se seguem, Marcos Antonio apresenta seu ponto de vista através de uma informação que contesta o ponto de vista do Ministro: “mas tem universidade que não tem dinheiro para pagar luz e água também” (1.235-236 e 248-250), apresentando o outro lado nesta discussão do uso da verba universitária: ao mesmo tempo em que há uma universidade com elevador panorâmico, há também universidades sem condições básicas de funcionamento.

Considerações finais

Segundo Sarangi (2011a), analisar a atividade em si não é uma tarefa fácil, uma vez que “todo tipo de atividade é híbrido e este hibridismo é também manifestado em outros níveis, especialmente em termos dos tipos de discurso e conjunto de papéis variáveis” (p.22).

Seguindo a perspectiva de Sarangi, o programa Roda Viva pode ser categorizado como uma atividade híbrida, em que dois padrões interacionais ocorrem concomitantemente no fluxo da interação: o padrão interacional pergunta-resposta e o padrão interacional apresentação de ponto de vista-contestação do ponto de vista. São esses padrões interacionais que permitem que diversos papéis sejam negociados entre os participantes. Os papéis sociais manifestados pelos entrevistados e os papéis de atividade desempenhados pelos entrevistadores atuam em uma movimentação constante na interação, apresentando-se de forma dinâmica e muitas vezes proposital na escolha do papel manifestado, para a defesa de pontos de vista.

Nessa dinamicidade de papéis, o entrevistado reivindica, refuta ou legitima papéis sociais e/ou posições que lhe permitam defender seu ponto de vista ou mitigar uma ameaça a essa defesa. O ex-Ministro José Dirceu, por exemplo, reivindica a posição de inocente no

papel de político cassado, refuta o papel de lobista e legitima o papel de membro da direção nacional do Partido dos Trabalhadores. Dirceu refuta todos os papéis e posições atribuídas a ele que ferem essa posição de inocente que ele manifesta. De forma semelhante, o Ministro José Gomes Temporão recorre ao papel de pai e católico para mitigar a posição que lhe é cobrada como o representante do governo que defende a descriminalização do aborto.

Portanto, os papéis sociais manifestados na atividade servem a metas interacionais específicas, que variam de acordo com o propósito do entrevistado e do entrevistador nas atribuições dadas. Propósito este que circunda a disputa pelos pontos de vista em negociação na atividade.

REFERÊNCIAS

- EMMERTSEN, Sofie. *Interviewers' challenging questions in British debate interviews*. *Journal of Pragmatics* 39, 570–591, 2007.
- LANGENHOVE, L.V.; HARRÉ, R. Introducing positioning theory. In.: HARRÉ, R.; LANGENHOVE, L.V. (orgs). *Positioning Theory: moral contexts of intentional action*. Oxford: Blackwell Publishers, p. 14-31, 1999.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel; JEFFERSON, Gail. *A Simplest Systematic for the Organization of Turn Taking for Conversation*. *Language*, 50 (4), p. 696 - 735, 1974.
- SARANGI, Srikant. Activity types, discourse types and interactional hybridity: the case of genetic counseling. In.: SARANGI, S.; COULTHARD, M. (eds.). *Discourse and Social Life*. London, Pearson, p.1-27, 2000.
- SARANGI, Srikant. *Reconfiguring Self/Identity/Status/Role: The Case of Professional Role Performance in Healthcare Encounters*. *Journal of Applied Linguistics and Professional Practice*. P. 75–95, 2010.
- SARANGI, Srikant. Role hybridity in professional practice. In.: _____; POLESE, V.; CALIENDO, G. (Eds.) *Genre(s) on the Move: Hybridisation and Discourse Change in Specialised Communication*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane (ESI), 2011a.
- SARANGI, Srikant. *Hybrity Role and Facework*. Conferência ministrada na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora em 23 de agosto de 2011, 2011b.
- SARANGI, Srikant; SLEMBROUCK, S. *Language, Bureaucracy and Social Control*. London: Longman, 1996.
- WEIZMAN, Elda. *Shifting roles: a challenge strategy in news interviews on Israeli television*. In: SCHWARZWALD, O.; SHLESINGER, Y. (Eds.), Hadassah Kantor Jubilee Book. Ramat Gan, (Language research papers (in Hebrew)), p. 85–95, 1996.
- WEIZMAN, Elda. *Roles and identities in news interviews: The Israeli context*. *Journal of Pragmatics*, 38, p. 154–179, 2006.
- WEIZMAN, Elda. *Positioning in media dialogue: negotiating roles in the news interview*. *Série Dialogue Studies*. Amsterdam – Philadelphia. John Benjamins Publishing. 2008.

Convenções de Transcrição:

... pausa não medida.

(0.5)	pausa em décimos de segundo, medida relativamente ao ritmo prosódico do segmento no qual se encontra inserida.
.	entonação descendente ou final de elocução.
?	entonação ascendente.
,	entonação de continuidade.
-	parada súbita.
=	elocuições contíguas, enunciadas sem pausa entre elas.
<u>palavra</u>	ênfase (parte da sílaba e/ou palavra).
MAIÚSCULA	ênfase mais forte ou fala em voz alta.
!	tom animado, não necessariamente exclamativo.
°palavra°	fala em voz baixa.
>palavra<	fala mais rápida.
<palavra>	fala mais lenta.
: ou ::	alongamentos.
[início de sobreposição de falas.
]	final de sobreposição de falas.
[[colchetes duplos no início do turno simultâneo.
()	fala não compreendida.
(palavra)	fala duvidosa.
(())	comentário do analista: descrição de atividade não verbal.
“palavra”	fala relatada.
↑	subida de entonação (mudança de entonação).
↓	descida de entonação (mudança de entonação).
hh	aspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
.hh	inspiração (em parêntesis quando no meio de palavra).
hhh	riso (em parêntesis quando no meio de palavra).

Artigo recebido em fevereiro de 2018.
Artigo aceito em maio de 2018.